

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

HELENA KATZ

O que lateja na palavra pandemia

ZAZIE 
EDIÇÕES

O que lateja na palavra pandemia

2020 © Helena Katz
COLEÇÃO
PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Laura Erber
EDITORA
Laura Erber
PREPARAÇÃO DE TEXTO
Angela Vianna
REVISÃO DE TEXTO
Maria Cecilia Andreo
DESIGN GRÁFICO
Maria Cristaldi

Bibliotek.dk
Dansk bogfortegnelse-Dinamarca
ISBN 978-87-93530-82-9

Zazie Edições
Copenhague / Rio de Janeiro
www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

HELENA KATZ

O que lateja na palavra pandemia

ZAZIE EDIÇÕES

Segundo Anatole Bailly (1950), quando Platão, em *Das Leis*, usou a palavra “pandemia”, ele se referia a qualquer acontecimento capaz de atingir “toda a população”. Aristóteles também a empregava com o mesmo sentido.¹ Foi Galeno quem a adotou para identificar epidemias de grande difusão e alcance.² Sua incorporação ao vocabulário médico se deu no século XVIII, no *Dictionnaire universel français et latin*, conhecido como Dicionário de Trévoux (1771).³ Em português, a palavra foi dicionarizada como termo médico por Domingos Vieira, em 1873.⁴

¹ Segundo Jofre Marcondes de Rezende, a referência está em Albert Bailly. *Dictionnaire grec-français*, 16^a ed. Paris: Hachette, 1950 (ver Rezende, “Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia”, *Revista de Patologia*, v. 27, n. 1, jan.-jun. 1998, pp. 153-155).

² Henry George Liddell e Robert Scott. *A Greek-English/Exicort*, 9^a ed. Oxford: Claredon Press, 1983, apud Rezende. Op. cit.

³ Albert Dauzat et al. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*, 3^a ed. Paris: Larousse, 1964, apud Rezende. Op. cit.

⁴ Referência em Frei Domingos Vieira. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chandron e Bartholomeii H. de Moraes, 1871-1874, apud Rezende. Op. cit.

Hoje, usamos *pandemia* (do grego, *pan* = tudo, todo; e *demos* = povo) para nos referir a uma doença infecciosa que se transforma em epidemia porque se espalhou por uma vasta região e não estanca, internacionalizando-se. A lista não é pequena, tampouco os números. Para lembrar algumas, podemos começar pelo HIV, que surgiu nos anos 1920, em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, e se disseminou no final dos anos 1970, tendo já infectado mais de 76,3 milhões de pessoas, com mais de 39 milhões de mortes (cerca de 52%), segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A varíola, que os colonizadores trouxeram, dizimou metade da população nativa da América Espanhola (1518). Pandemias foram produzidas também por distintos vírus de gripe (em 1580, 1781, 1830-1833, 1889-1892, 1918-1919, 1957-1958, 1968 etc.), de tifo (1489, 1542, 1812 etc.) e de cólera (1816-1826, 1829-1851, 1863-1875, 1961-1966 etc.).

Que equívoco, então, pode existir no atual uso do termo *pandemia*? Se lembrarmos que as palavras, além da necessidade de estabelecer liames precisos com os fenômenos que designam, fazem mais que isso, pois criam sentido e também mundos, sabermos que nossa atenção com cada uma delas exige não abandonar o estado de alerta. Vivemos em um tempo pautado pelo uso apressado de neologismos ou do jargão sedutor mais recente, impondo-se como uma senha que agrega, pelo uso, os que passam a se reconhecer como pares. A rapidez com que são mo-

bilizados nas narrativas cotidianas esvazia as suas referências habituais e, mais adiante, o que era novidade é substituído por outra referência, com a mesma função. Apegar-se ao uso justo das palavras, então, vai se tornando condição para evitar as ciladas que a comunicação produz, e que pode esconder ou esvaziar o que deveria ficar exposto.

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.⁵

No caso do uso da palavra “pandemia”, nota-se que ela distende, em um arco abrangente, arestas e

⁵ Carlos Drummond de Andrade. “A palavra mágica”. *Discurso de primavera e algumas sombras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

reentrâncias que precisam se manter crispadas para que não sejam ignorados os abismos de desigualdade que nela estão contidos. Para ler com mais acuidade o que vivemos agora, quando já se anuncia um cotidiano pautado pela recontaminação, é aconselhável se deter na palavra.

Em “pandemia”, associamos duas situações distintas. Uma é a ação, de alcance “pan”, do coronavírus Sars-CoV-2, que causa a doença Covid-19, contamina regiões distintas do mundo e mata pessoas em todas elas; e a outra, diferente desta, é a condição para que a doença e sua contaminação ocorram, e essa condição não é “pan”, mas estritamente local. Em cada lugar ela se estabelece de formas e modos distintos, que dependem das características das políticas de saúde e da situação da desigualdade social preexistentes.

Quando se fala em pandemia, não fica evidente que as mortes e a contaminação não são as mesmas em cada um dos locais nos quais o coronavírus Sars-CoV-2 prolifera. Aliás, relatar a pandemia adotando somente o critério numérico para dimensionar seus danos obscurece facetas importantes, pois se as condições para a ação do vírus são distintas, os números resultantes precisam estar em molduras que evidenciem a proporção da desigualdade das condições que os produzem – e que se relacionam com a ação das políticas de saúde praticadas. No entanto, cabe lembrar também que os números são referências fundamentais, sobretudo quando há uma tentativa política de os mascarar ou subnotificar.

Segue um exemplo, usando números: a OMS, antes do Sars-CoV-2 se instalar, mostrou dados revelando que o Brasil tinha a maior população do mundo com ansiedade, configurando uma epidemia local, por reunir 18,6 milhões de pessoas (9,3% da população). Ou seja, quando a Covid-19 irrompeu aqui, essa situação já existia e nos caracterizava, e foi esse gigantesco segmento já fragilizado que aumentou em 80% no Brasil, no início da quarentena obrigatória, segundo dados da Universidade Estadual do Rio de Janeiro publicados na versão on-line da revista científica *The Lancet*.⁶ Evidentemente, a combinação de uma ansiedade dessa dimensão com a necessidade de isolamento social diferencia localmente a ação do vírus, inviabilizando a pseudogeneralidade de tratá-lo como um mesmo fenômeno de alcance mundial.

A reflexão crítica sobre o “pan” que a palavra “pandemia” suscita revela sua força para dissolver o que distingue os muitos países hoje contaminados pela Covid-19. Contentar-se com o termo “pandemia” para qualificar a ação dessa doença traça uma linha que ignora as descontinuidades e fendas que desenhavam as distintas violências do seu percurso, embolando o aqui com o lá.

⁶ A pesquisa refere-se ao comportamento de 1.460 brasileiros entrevistados entre 20 de março e 20 de abril de 2020, abrangendo 23 estados (<[sciencedirect.com](https://www.sciencedirect.com)>). Ver Lígia Mesquita e Lucas Neves. “Pandemia tanto acentua como cura patologias mentais, diz psicanalista”. *Folha de S.Paulo*, B3, 21 ago 2020.

Na situação que se instalou, “pan” registra uma ausência: a desigualdade. Além disso, cria um objeto inexistente (a pandemia como um monolito do tamanho do mundo) e oculta que, na verdade, se trata de um agregado composto de partes muito diversas (os distintos lugares atingidos pela mesma doença), e não um todo sem relevos.

Esses tantos lugares reunidos sob o “pan” não guardam semelhança que permitiria uma junção apagando a profundidade das suas diferenças, reguladas por índices, taxas e percentuais de saúde, educação, desigualdade e racismos bastante distintos. Quando se sabe que, no Brasil, cerca de 100 milhões de habitantes não têm rede de esgoto (47%) e cerca de 35 milhões (16%) não têm água potável,⁷ percebemos que os números explicitam um tipo de condição que já determina muita coisa em uma ação contra a Covid-19 e que se diferencia de qualquer outro lugar sem as mesmas cifras.

Estudos populacionais realizados em epidemias anteriores (H1N1, Sars) demonstram o peso que a desigualdade tem na taxa de transmissão e no grau de severidade de ação dos vírus.⁸ Estamos em um país tecido por uma história colonial de exploração, prá-

⁷ Dados referentes a 2018 do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (Sis), recém-divulgados.

⁸ Luiza Nassif Pires et al. “Covid-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil”. *Ondas*, 9 abr 2020; disponível na plataforma: <ondasbrasil.org/covid-19-e-desigualdade-a-distribuicao-dos-fatores-de-risco-no-brasil-relatorio/>.

ticas de escravidão, indiferença social com os pobres e com a pobreza e persistência do patrimonialismo como um valor associado à cidadania. O patrimonialismo “se constitui numa forma de dominação política na qual não existem claras divisões entre as esferas pública e privada”.⁹

E no Brasil as desigualdades têm raça, cor e etnia, pois é um país estruturado pelo racismo. [...] Negras e negros estão mais representados nos indicadores negativos, como atividade no mercado de trabalho informal, que limita o acesso a direitos básicos como a remuneração pelo salário mínimo e a aposentadoria. Por outro lado, são os brancos que apresentam o maior rendimento médio domiciliar per capita, superando quase duas vezes o da população negra – R\$ 1.846 contra R\$ 934.¹⁰

Vale lembrar que a gripe espanhola matou cerca de 35 mil brasileiros e foi uma epidemia fortemente

⁹ Rafael Pacheco Mourão. “Celso Furtado e a questão do patrimonialismo no Brasil”. *Teoria & Pesquisa, Revista de Ciência Política*, v. 24, n. 1, pp. 54-67, jan.-jun. 2015, p. 55. O patrimonialismo é uma herança colonial. Súditos pessoais do rei de Portugal administravam as suas propriedades e eram recompensados por seus serviços, a critério do rei. Classificado por Max Weber como pré-moderno, o patrimonialismo se instala por meio de laços pessoais ou privados, e constitui uma estrutura assimétrica de direitos e deveres que sustenta uma cultura de privilégios e leva o Estado a tratar de forma diferenciada os cidadãos.

¹⁰ Dados do IBGE apud Emanuelle F. Goes et al. “Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19”. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020; disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462020000300301&script=sci_abstract&tlng=pt.>

marcada pelo preconceito, em um momento em que negros lutavam pela mudança das narrativas sobre a escravidão.¹¹ Na época, a população negra era apontada como causadora de “doenças negras”,¹² por ser considerada desordeira e perigosa e agravar as precariedades sanitárias existentes.¹³

A ação da Covid-19 desnuda também outra característica, que não deve continuar velada, pois ata desigualdade e racismo. Cabe lembrar que mais da metade da população brasileira é negra¹⁴ e vive uma “segregação residencial racial, onde negras e negros residem às margens, nas franjas das cidades”.¹⁵ Nesses lugares, com condições adversas à saúde e precária estrutura de atendimento hospitalar, os moradores ficam expostos a fatores de risco que os tornam mais vulneráveis à contaminação do que moradores de bairros de classe média e da alta burguesia.

Williams e Collins [...] consideram a segregação residencial racial uma causa fundamental das disparidades raciais em saúde, pois é uma das principais causas

¹¹ Priscila Martins Medeiros e Valter Roberto Silvério. “Boletim pandemia e mundo social: notas sociológicas sobre racismo, diáspora e dinâmicas sociais restritivas”. *Sociologia na Pandemia* #3, 4 maio 2020;

¹² João Paulo Dall’Alva apud Medeiros et al. Op. cit.

¹³ Alexandre C. da Silva apud Medeiros et al. Op. cit.

¹⁴ No Brasil, 13,6 milhões de pessoas vivem em favelas e 67% delas são negras, segundo *O Brasil com baixa imunidade: balanço do Orçamento Geral da União*, documento divulgado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos em 2019. Ver Medeiros et al. Op. cit.

¹⁵ Goes et al. Op. cit.

das desigualdades em relação ao status socioeconômico, determinando o acesso a educação, emprego e oportunidades. Os bairros segregados em que as pessoas negras são alocadas as impedem de acessar recursos e bens, além de promover seu controle político e sua exploração econômica [...]. Segundo o mapa racial do Brasil, as cidades como Porto Alegre (RS), Vitória (ES), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG) e Salvador (BA) figuram entre as cinco cidades do país mais segregadas racialmente [...]. Entre elas, São Paulo é considerada o epicentro da epidemia no país.¹⁶

A ação e o alcance de uma epidemia dependem dos recursos que cada país mobiliza para a saúde pública, do tipo de seletividade social que pratica com seu projeto de governo, da proporção da desigualdade da exposição de sua população aos riscos, da força das suas instituições democráticas, do modo como mecanismos específicos e variados são continuamente gerados para preservar, de forma duradoura, a associação entre posição socioeconômica e saúde.¹⁷

Ao usar a palavra “pandemia”, é prudente lembrar que ela agrega duas situações que necessitam ser demarcadas: trata-se de uma doença viral que infecta ambientes e contextos socioeconômicos muito diferentes, e que tem alcance internacional. O “pan” da

¹⁶ Id.

¹⁷ José Alcides F. Santos. “Desigualdades e interações de classes sociais na saúde no Brasil”. *Dados*, v. 63, n. 1, 2020; disponível em: <doi.org/10.1590/001152582020203>.

palavra acaba por induzir uma falsa equivalência entre lugares de características muito distintas que precisam ser levadas em conta porque as condições de vida e saúde que implicam se manifestam, inclusive, nas maneiras de lidar com a doença.

Não advogo aqui uma suspensão do uso do termo “pandemia”, mas o reconhecimento de que esse fenômeno diz respeito a uma doença que infecta povos diferentes, pessoas diferentes, vivendo em culturas diferentes, regiões diferentes. O traço comum é que ela promove uma crise sanitária de proporção global, enfrentada através de dispositivos regionais e/ou locais. O tipo de dano que o vírus promove pode ser o mesmo, em termos clínicos, mas não epidemiológicos, pois o modo como esse dano se manifesta se vincula às características e estruturas específicas de cada contexto. Ou seja, os danos deixam de poder ser vistos, lidos e chamados de “os mesmos”.

Sobre o uso das palavras, segundo Garcia-Roza, na Grécia arcaica, a “palavra, juntamente com as condições de sua enunciação, não valia apenas pelo seu sentido manifesto, mas como signo a ser decifrado para que um outro sentido, oculto e misterioso, pudesse emergir, num interminável de decifrações”.¹⁸

Conserto a palavra com todos os sentidos em silêncio
Restauro-a

¹⁸ Luiz Alfredo Garcia-Roza. *Palavra e verdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 3.

Dou-lhe um som para que ela fale por dentro
Ilumino-a

Ela é um candeeiro sobre a minha mesa
Reunida em uma forma comparada à lâmpada
A um zumbido calado momentaneamente em exame

Ela não se come como as palavras inteiras
Mas devora-se a si mesma e restauro-a
A partir do vômito
Volto devagar a colocá-la na fome

Perco-a e recupero-a como o tempo da tristeza
Como um homem nadando para trás
E sou uma energia para ela

E ilumino-a¹⁹

¹⁹ Daniel Faria. “Concerto a palavra”. *Homens não são como lugares mal situados*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016.

Pandemia e globalização

O “pan”, da pandemia, carrega alguma sintonia com o “global”, da globalização.²⁰ Segundo Peter L. Berger, a palavra “globalização” ganhou densidade emocional, ao ser apresentada como o caminho para o desenvolvimento, “promessa de uma sociedade civil internacional, levando a uma nova era de paz e democratização”. Contudo, essa nova articulação do mundo significava também “a ameaça de uma hegemonia econômica e política americana, com a consequência cultural sendo um mundo homogeneizado, semelhante a uma Disneylândia em metástase”.²¹

Tanto da promessa quanto da ameaça colhemos impasses sociais e políticos, incluindo a vulnerabili-

²⁰ Dipesh Chakrabarty faz uma importante distinção entre o sentido de globo presente em “globalização” e em expressões como “aquecimento global”. No ensaio “O planeta: uma categoria humanista emergente”, ele afirma: “A história da globalização coloca os seres humanos no centro e narra como forjaram historicamente um sentido humano para o globo” (*O planeta: uma categoria humanista emergente*. Copenhague/Rio de Janeiro: Zazie, no prelo).

²¹ Peter L. Berger e Samuel P. Huntington. *Muitas globalizações: Diversidade cultural no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 12.

zação da soberania nacional. O número de pessoas que passam fome voltou a aumentar, segundo o relatório *Estado da insegurança alimentar e nutricional no mundo*, lançado em 2019 por cinco agências da ONU. Em 2018, 821,6 milhões de pessoas passavam fome (insegurança alimentar severa), ou seja, uma em cada nove pessoas. Mas se a esse dado se juntar outro, que mede quem não tem acesso estável a alimentos nutritivos (insegurança alimentar moderada), a organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) diz que a fome atinge 2 bilhões de pessoas. Essa cifra expõe o insucesso de um projeto que prometia uma era de paz e prosperidade para todos.

A globalização se refere ao estágio do capitalismo no qual a diminuição das distâncias favoreceu o estreitamento das relações econômicas, sociais, culturais e políticas entre países muito diferentes, e isso foi facilitado pelo que a tecnologia promoveu nos sistemas de comunicação e de transporte. Mas o encurtamento das distâncias só foi capaz de produzir uma pseudointegração, pois se deu na forma de dominação dos mais pobres. Afinal, tanto na economia quanto na cultura, os interesses e os valores que passaram a valer foram os dos centros de poder, ou seja, dos países mais ricos. A pilhagem das riquezas naturais e das culturas locais não poderia mesmo promover consequências que não fossem o enfraquecimento e a instauração da desigualdade como termômetro balizador do sucesso da globalização.

Há autores que defendem que a prática europeia marítimo-mercantilista do final do século XV e início do XVI foi um rascunho da globalização no modo como expandia o capitalismo e intrincava economias de diferentes continentes.²² E há mesmo certa similaridade entre aquele tempo e, por exemplo, a ação das empresas transnacionais de agora (a matriz é de um país rico, mas a produção se dá em países que oferecem vantagens fiscais, o que geralmente significa países pobres). Assim, as empresas “invadem” países, pensando-os como mercados consumidores, indo em busca de isenção de impostos, de tarifas alfandegárias e, sobretudo, de matéria-prima e mão de obra baratas.

A falsa promessa de integração mundial se desnuda, revelando que o “global” que compõe a palavra “globalização” tem também uma função apaziguadora: afirma uma falsa horizontalidade, como se todos fôssemos parte de um mesmo mundo em equilíbrio, e empurra a violência que a globalização instaura para baixo do tapete, ocultando os danos que ela produz.

O desconforto com a impossibilidade de uma globalização se manifesta também na necessidade de propor outra forma de nomear esse fenômeno – demanda que pode ser fruto do atual estágio do capitalismo, ao qual interessa a proposição de que a relação não seria global, mas “glocal”. Para quem detém o

²² Como Fernand Braudel. *Em torno al Mediterraneo*. Barcelona: Paidós, 1997; e Lemuel Rodrigues da Silva e Orivaldo Lopes Jr. “Globalização: de sua gênese mercantilista ao neoliberalismo burguês”. *Revista Eletrônica Inter-Legere*, n. 3, jul.-dez. 2008.

comando, é precioso o aceno para um mundo menos hierarquizado, como se o novo enredamento pudesse simplesmente atar horizontal e equitativamente, sem oprimir, pilhar, explorar. Assim, o “glocal” avança buscando a justeza do ato de nomear.

Não há consenso sobre a exata origem do termo “glocal”. Uns dizem que foi Akio Morita, então presidente da Sony, quem cunhou “glocalização”, na década de 1980, nomeando uma estratégia mercadológica japonesa. Glocalização viria da palavra *dochakuka*, que é derivada de *dochaku*, que quer dizer algo como “o que vive em sua própria terra”, referindo-se à adaptação das técnicas de cultivo da terra às condições locais.²³

O *Oxford Dictionary of New Words* confirma que “glocal” aparece na década de 1980, referindo-se ao processo de “fazer uma mistura entre o global e o local”. Victor Roudometof registra que Manfred Lange, então chefe do German National Global Change Secretariat, a empregou, em 1990.²⁴ E o sociólogo Roland Robertson se tornou conhecido por propor que o conceito de “glocalização” teria o mérito de restituir à globalização sua realidade multidimensional. Para Eugênio Trivinho, professor no Programa em Comunicação e Semiótica, da PUC-SP, o glocal reordena tudo, dada a “magnitude da sua abrangência”, sendo

²³ Nelson Lourenço. “Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local”. journals.openedition.org. 8 abr 2014; disponível em: <journals.openedition.org/mulemba/203>.

²⁴ Victor Roudometof. “Glocalization”. 15 jan 2015; disponível em: <oxfordbibliographies.com>.

“a destinação social-histórica do presente”, regendo-nos com o seu hibridismo do presencial com a desterritorialização que as mídias promovem.²⁵ Ou seja, nada escaparia à mistura entre local e global.

O glocal comparece *invisivelmente*, invariavelmente, ali onde o *global* das redes comunicacionais, representado por seus fluxos de conteúdo, jorra no e para o *local* em que o ente humano se situa, âmbito representativo da prontidão para acessar/receber/responder/distribuir; e, vice-versa, aparece também ali onde o local, assim configurado, se projeta para a ordem global, nos termos postos.²⁶

Mas antes de celebrar o uso de “glocal” como a solução para a impropriedade de se sustentar a existência de uma globalização horizontalizada, acelerada pela capilaridade da comunicação que a internet possibilita aos indivíduos, às empresas e aos países, será necessário atentar que nesse conceito, como também no de “pandemia”, há duas situações a serem distinguidas. No caso do “glocal”, elas são as seguintes: é preciso considerar o tipo de hibridização da globalização do local, sem confundir com o da localização do global, uma vez que cada qual tem

²⁵ Eugênio Trivinho. “A civilização glocal: repercussões social-históricas de uma invenção tecnocultural fundamental do capitalismo tardio”. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 10, n. 19 (10), 2013, pp. 26-41.

²⁶ *Ibid.*, p. 28.

distinta regência das condições socioeconômico-políticas para que possa ocorrer.

Além da distinção entre o movimento do global no local e a ação do local no global, é indispensável lembrar que essas duas operações dependem dos contextos nos quais acontecem, pois, se eles forem coloniais, diferirão muito dos que não são. Esse traço aproxima o que sucede com o emprego de glocal do que ocorre com a nomeação de pandemia, no sentido de se irmarem no esforço de invisibilizar as desigualdades e camuflar as diferenças que definem e distinguem cada lugar.

Sem confundir a globalização do local com a localização do global, pode-se perceber que a hibridização do global com o local pode ser pensada como um tipo de relação entre o que antes não “se encostava”, produzindo transformações em ambos. Aquela aldeia que, pouco a pouco, foi encurtando as distâncias com o que lhe era exterior, por conta dos avanços das tecnologias, passou a conviver com os efeitos da instantaneidade que a vida digital instaurou. A “aldeia global” que Marshall McLuhan descreveu em 1959, e que está presente em *A galáxia de Gutenberg*, de 1962, surge da velocidade da comunicação e da crescente ampliação de seu uso, que, mais adiante, passa a conectar, em tempo real, o que estava separ do geograficamente.²⁷

²⁷ Marshall McLuhan. *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Cenusp, 1972 [1962].

No entanto, a possibilidade de um contato a distância, em tempo real, também necessita ser confrontada com a distinção entre a localização do global e a globalização do local. As operações viabilizando que o global se localizasse e que o local se globalizasse esbarram nas especificidades das condições socioeconômicas de cada lugar. Mas, se lembrarmos que o contato com a informação transforma os corpos nela envolvidos, também essas especificidades não ficarão preservadas da mudança.

Dani Rodrik, professor de economia na Universidade de Harvard, aponta que a globalização, que ele chamava de “hiperglobalização”, foi inviabilizada pela crise sanitária produzida pela Covid-19, mas que a inviabilização já havia sido anunciada no terremoto financeiro de 2008. Ele destaca que a mobilidade da mão de obra e a migração global ficarão mais limitadas:

Mas gostaria de salientar que os países estavam começando a limitar o fluxo internacional de pessoas. Nunca tivemos um regime internacional que regulasse e liberalizasse progressivamente a circulação de pessoas entre países, ao contrário do que ocorre com comércio de bens, serviços, capital e finanças. Eu diria que, nos últimos 20 ou 30 anos, uma combinação de globalização crescente somada a determinados usos tecnológicos acabaram por afastar sociedades umas das outras, ainda que oferecendo a ideia de que estaria sempre ajudando a diminuir a distância da informação. Tem

havido muita insegurança, econômica, cultural, física e, agora, cada vez mais, de saúde.²⁸

Operação semelhante está também presente na palavra “pandemia”, que, a seu modo, equipara globalização do local e localização do global: o “pan” tanto globaliza a doença (a Covid-19 contamina aqui e no mundo todo) quanto a localiza (a Covid-19 está em todos os lugares, e também aqui, manifestando-se nos nossos números locais). Para expor o falseamento promovido pelo “pan” da pandemia ainda não inventamos outra maneira de nomear, sintética e autoexplicativa como o “glocal”. Precisamos de uma palavra que não esconda a relevância da desigualdade no alcance mundializado da contaminação pelo vírus Sars-CoV-2, uma vez que não se trata de uma pandemia, que atinge igualmente a todos. De fato, não existe um “todos” que faça parte de algo que possa ser chamado de “mesmo mundo”.

Se eu pudesse oferecer uma sugestão, seria a de substituir a palavra “pandemia” pelo que descreve melhor o que estamos enfrentando: uma crise sanitária de alcance internacional. A palavra “crise”, com todas as rachaduras e abalos que ela põe em relevo, aproxima-se mais da convulsão que se estabeleceu do que a promessa de apaziguamento da ação niveladora implícita no “pan”, de pandemia.

²⁸ Miguel Lago e Pablo Peña Corrales. “Globalização almejada até a chegada do vírus é inatingível”. *Folha de S.Paulo*, 24 ago 2020, p. A12.

Crise – que envolve tanto o perigo quanto o risco – é o que emerge quando os limiares da situação que é tida como normal são ultrapassados pelo que não estava previsto e tampouco controlado, não sendo possível restabelecer o que existia antes. Uma crise sanitária, como toda crise, pede intervenção urgente sobre as ameaças e as incertezas que ela traz. Tanto a sua gravidade quanto as possibilidades de recuperação dependem das vulnerabilidades existentes.

Enquanto eu escrevia este ensaio, outra palavra foi colocada em circulação e merece nossa atenção. Richard Horton, editor-chefe da revista *The Lancet*, em artigo publicado no final do mês de outubro de 2020, propõe “sindemia” para nomear a ação alastrada do Sars-CoV-2, porque o vírus não atuaria sozinho, mas compactuando com outras doenças: “A Covid-19 não é uma pandemia. É uma sindemia. A natureza sindêmica da ameaça que enfrentamos significa que é necessária uma abordagem mais diversificada, se quisermos proteger a saúde de nossas comunidades”.²⁹

“Sindemia” foi definida, nos anos 1990, por Merrill Singer, antropólogo e médico pesquisador do HIV interessado em destacar o peso biossocial no entendimento e no combate a essa doença. Horton retoma o termo para denunciar que o que tem sido usado é o modelo de combate a epidemias vistas como as pestes

²⁹ Richard Horton. “Covid-19 pode se tornar mais do que uma pandemia”. *Carta Capital*, 14 out 2020; disponível em: <www.cartacapital.com.br/?s=Richard+Horton>.

que já se abateram sobre a humanidade, modelo que ignora as “profundas disparidades” a serem revertidas para se estar “verdadeiramente seguro” acerca da ação da Covid-19.³⁰

Essa proposta avança por oferecer, de forma crítica, uma abordagem sistêmica da crise sanitária instalada. Todavia, antes da celebração libertadora, é necessário lembrar novamente que a força do capitalismo não constitui mais novidade. Ela captura e consagra o que vai sendo apresentado, desarmando a possibilidade de combate. E, talvez, “sindemia” venha a ter, no contexto da crise sanitária global, papel semelhante ao que o “glocal” ocupa em relação à globalização.

Não se trata de implicância com as palavras, mas de afeição por elas, um esforço para identificar aqueles espaços que, às vezes, se abrem nelas e elas abrem no mundo, por onde vão resvalando e de onde precisam ser resgatadas.

Como escreveu Sophia de Mello Breyner Andersen (1919-2004), primeira mulher a receber o Prêmio Camões, em 1999, no poema “Com fúria e raiva”, em *O nome das coisas* de 1977:

De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

³⁰ Id.

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma a palavra em moeda
Como fez com o trigo e com a
Terra.³¹

As palavras podem convencer, e podem ser inspeccionadas, desarranjadas, desarrumadas. Assim, “pandemia”, porque a desigualdade nela não pesa como deveria, torna-se inadequada. Mesmo sem pretender dominar as palavras, com elas se dá nascimento a um mundo ou ao seu contrário. Convém se manter vigilante.

³¹ Sophia de Mello Breyner Andresen. “Com fúria e raiva”. *O nome das coisas*. Lisboa: Salamandra, 1986.

HELENA KATZ, professora e pesquisadora. Fundou e coordena o Centro de Estudos em Dança-CED desde 1986. Desenvolve a Teoria Corpomídia em parceria com Christine Greiner há mais de 20 anos. Atuou como crítica de dança no jornalismo cultural por 40 anos.